
CPDA 30 anos: um breve tributo

Maria Yedda Leite Linhares

No Brasil, a história agrária não tem sido a preferida dos historiadores, e tão-pouco do grande público. Afinal de contas, é uma história sem heróis, sem grandes políticos e sem batalhas. Seus atores são anônimos trabalhadores do campo, escravos do eito, pequenos ocupantes de glebas quase sempre provisórias. São também grandes fazendeiros e latifundiários. Sua vida, no caso brasileiro, tem sido, no entanto, muito mais marcada pela escassez do que pela abundância.

Seus atores foram homens e mulheres, meros figurantes, que ocuparam a fronteira aberta, que povoaram o interior do País e alargaram os horizontes de um novo mundo. Na trilha que abriam, seguia-se a grande propriedade que se apropriava dos espaços, das melhores terras, das fontes de água, levando escravos, arrebanhando trabalhadores onde estes se encontrassem. Escravos fugidos? Restos de população indígena sobrevivente? É uma história lenta, de longa duração, sem grandes feitos, que não teve um John Ford (como no oeste americano) para enaltecê-la e popularizá-la. Por sua própria natureza, foram feitos que se regionalizaram, se particularizaram, dependentes da natureza dos solos, do regime das chuvas, da flora, da fauna local. Mas é ela que nos dá conta dos processos de ocupação da terra, das guerras contra os índios, do povoamento e do traba-

CPDA 30 anos: um breve tributo

lho, da produção de alimentos, da expansão da pecuária, da formação de pequenos mercados locais e regionais, como uma espécie de retaguarda dos portos, das cidades e das *plantations*. Para observadores mais atuais, era o outro Brasil, a retaguarda do litoral, iletrado, atrasado, distante, gerador de folclore, de messianismo, de violência. Mas era também, a região do latifúndio. Em anos mais recentes, no entanto, em face do crescimento significativo da historiografia brasileira, do desenvolvimento do capitalismo brasileiro; da expansão dos programas de pesquisa nos cursos de pós-graduação em história do País, essa história passou a ter uma existência reconhecida, a partir da experiência acumulada no Rio de Janeiro e daí se difundindo entre pesquisadores de outros estados. É o início dessa experiência que recordamos como um tributo ao CPDA nos seus 30 anos de vida

Foi no Departamento de História da Agricultura Brasileira do CPDA, no Horto Florestal/RJ – hoje na UFRRJ – e após uma longa jornada, que pudemos desenvolver de forma livre nossos interesses de pesquisa. Juntando nossa formação em história contemporânea, a leitura de uma vastíssima literatura européia e meios de articulação de uma ampla equipe – em especial com Nancy Naro e Guillermo Palácios – que surgiu a busca do lado oculto da lua: a agricultura brasileira e seus avatares, o mercado interno, os pobres, os camponeses, a resistência à mudança. Evidentemente vieram as críticas, posto que tudo já se sabia, já se escrevera e já se ensinava: a onipresença explicativa do latifúndio. O clima de convivência acadêmica ali vivenciada, no entanto, nos levava a perseverar. Assim, estimulamos seminários e debates, expondo visões, textos e avançando idéias. Amigos, ex-colegas, ex-alunos e jovens pesquisadores independentes desfilaram seus trabalhos nos salões da antiga residência da monarquia no Horto Florestal do Rio de Janeiro: Maria Luísa Marcílio, trazendo-nos Ester Boserup; Kátia Queiroz Mattoso, com seus mercados locais e regionais; Francisco Iglésias, com

Maria Yedda Leite Linhares

sua denúncia sobre a *vaguidão* da história do Brasil; Alcir Lenharo, com uma inovadora análise da economia regional e a formação de uma elite política; Gorender e as novas análises do escravismo; Ciro Cardoso, com a sistematização da história agrária regional; Alice Canabrava, Francisco Falcon, Manoel Maurício, Warren Dean, Bárbara Levy, Octávio Ianni, João Manoel Cardoso de Mello, Wilson Cano, Octávio Guilherme Velho, João Pacheco de Oliveira Filho, Alfredo Wagner Berno de Almeida, Afrânio Garcia, Klaas Woortman, Shepard Forman, Ismênia Martins, Ilmar Roloff Mattos, dentre tantos outros... Jovens em busca de conhecimento, idéias ou reafirmação compunham um quadro permanente nos jardins do casarão. Lia-se avidamente Witold Kula, Georges Duby, Fernand Braudel, Karl Polany, Maurice Godelier e se discutia os rumos do País nas vésperas do colapso da ditadura.

Destacando o papel de um grupo de pesquisadores (quase todos com experiência em centros de pós-graduação norte-americanos) como Nelson Giordano Delgado, José Pereira Bicudo, Luís Toledo, Fernando Leite, dentre outros, que viabilizou a incorporação de vários professores afastados da universidade pública, o ponto de partida dessa experiência foi a criação do *Programa de História da Agricultura Brasileira*, em 1976, no âmbito do Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola (CPDA) da Escola Interamericana de Administração Pública (Eiap) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)/RJ e da então Secretaria de Planejamento do Ministério da Agricultura/Brasília. Tratava-se de um projeto de natureza acadêmica que logo encontrou ressonância entre economistas, historiadores e cientistas sociais, sobretudo antropólogos, de todas as universidades brasileiras, como também no pessoal técnico, em grande parte agrônomos, dos órgãos de planejamento regional do setor agrícola (Emater), para cujo aperfeiçoamento se destinava o então recém criado Curso de Mestrado.

CPDA 30 anos: um breve tributo

Foi indiscutível a qualidade do desempenho dessa iniciativa que contou, ainda, com o apoio, em nível acadêmico e interdisciplinar da Fundação Ford. Já no início dos anos 1980, ela se integrava nos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal Fluminense, enquanto cabia à Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro incorporar ao seu Curso de Mestrado o projeto inicial da FGV/Ministério da Agricultura. Foram essas décadas impulsionadoras do sistema de pós-graduação e de estímulo à pesquisa de base no conjunto das universidades brasileiras. Daí o número significativo de dissertações de mestrado e de teses de doutorado que conduziram, no tocante à história, a uma verdadeira revisão dos conhecimentos existentes e à renovação de perspectivas de análise do passado da sociedade brasileira, levando em consideração novas fontes e metodologias de pesquisa, bem como novas abordagens temáticas. Tratava-se, evidentemente, de um movimento de renovação aberto ao debate, ao encontro de idéias e de campos teóricos. Característica esta que se mantém ao longo desses 30 anos.

Vida longa ao CPDA!